



**Universidade:
presente!**

UFRGS
PROPEAQ



XXXI SIC

21. 25. OUTUBRO • CAMPUS DO VALE

Evento	Salão UFRGS 2019: SIC - XXXI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2019
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	Uma trama com pontas soltas: a história da democracia por jovens estudantes
Autor	BRUNA PALHARES LIMA
Orientador	CAROLINE PACIEVITCH

Uma trama com pontas soltas: a história da democracia por jovens estudantes

Autora: Bruna Palhares / Orientadora: Caroline Pacievitch / UFRGS

O trabalho em questão é um desdobramento do projeto “O País e o mundo em poucas palavras: narrativas de jovens sobre seus pertencimentos – Implicações para o ensino de ciências humanas” que consiste na análise de narrativas de jovens de diferentes idades e percursos escolares sobre a história do país e a história da democracia. O projeto de Iniciação Científica foi desenvolvido a partir da análise de respostas à questão “Por favor, conte a história da democracia”, escritas por alunos de uma turma de 7º ano do Ensino Fundamental de uma escola estadual de Porto Alegre. O objetivo central é identificar se os/as estudantes expressam alguma história da democracia e quais noções sobre política e democracia são mobilizadas em suas narrativas. A pesquisa desenvolveu-se a partir de revisão bibliográfica sobre democracia e política – com base em autores como Hannah Arendt, Paulo Freire, Nilma Lino Gomes, Angela Davis e Boaventura de Sousa Santos; leitura flutuante e tabulação das narrativas do mencionado grupo; finalizando com a análise de categorias emergentes, especificamente sobre história da democracia. O estudo das obras de Freire, Gomes e Davis contribuíram para a aproximação dos conceitos sobre democracia, tradicionalmente derivados de referenciais de matriz ocidental europeia, com a realidade brasileira contemporânea. Foram coletados 20 questionários respondidos por estudantes, de 12 a 13 anos, com distribuição equilibrada entre meninos e meninas (dez de cada). Com relação ao pertencimento étnico-racial, 14 jovens responderam, dentre os quais 50% são brancos, 14% são negros, 7% são pardos e 29% responderam de outra forma, indicando misturas de nacionalidades, cores e etnias. Dezesesseis (16) estudantes concederam informações sobre seu pertencimento religioso, sendo que 37% destes não se vinculam a nenhuma religião em específico, 25% são católicos, 12% são espíritas e os demais 25% dividem-se igualmente entre ateus, cristãos, evangélicos e umbandistas. É pertinente observar, ainda, que 69% não são praticantes das religiões evangélicas nem católica. Desconsiderou-se a análise da renda familiar, uma vez que apenas 20% dos estudantes responderam essa questão. Tendo em vista os dados supramencionados, é possível considerar a diversidade enquanto característica da turma, pois, mesmo com número pequeno de alunos, há pessoas com pertencimentos distintos. Após responderem esses dados, os jovens escreveram o que sabiam sobre a história da democracia. Cinco alunos responderam “não sei”. Três estudantes, apesar de iniciarem suas narrativas com um “não sei”, explicaram que o tema não condiz com seus interesses cotidianos, tampouco com sua idade. Portanto, analisaram-se 15 questionários que apresentam posicionamentos e perspectivas sobre o assunto. Identificaram-se oito respostas que expressam impressões, sem perspectiva temporal, sobre o que é democracia; ao passo que sete, além de emitirem opiniões sobre o que é e como deveria ser a democracia, procuram situá-la historicamente. Neste segundo grupo, há presença de agentes responsáveis por desenvolver e manter a democracia. Os agentes e espaços mencionados estão, em nove casos, associados à elite e à representação formal, contudo, dois aludem a movimentos sociais e um emprega o termo “cidadãos brasileiros”. Ainda que não seja possível considerar que os estudantes se colocam como agentes da história da democracia, há exemplos que reconhecem agência – por parte de grupos ou determinada pessoa – na democracia e, portanto, possibilidade de intervenção humana em sua história e seu futuro. Além disso, dois casos expressam abertura a aprender novos sentidos de democracia. Compartilhando da visão de Gomes acerca da característica do conhecimento de possibilitar-nos formular conclusões provisórias, que conduzem a outras perguntas, chegou-se à questão: como o ensino de História escolar pode contribuir para que estudantes desenvolvam compreensões críticas de democracia? Vê-se a busca dessa resposta como uma esperança, que reconhece tanto os desafios da realidade quanto a possibilidade de lutarmos pela ampliação da democracia e pela sobrevivência das utopias.